A hermenêutica no pensamento de Filipe Melanchthon

The hermeneutics in Philip Melanchthon's thought

DOI: 10.12957/ek.2022.60386

Rúbia Campos Guimarães Cruz[1]
Universidade Federal de Juiz de Fora
rubiacamposgc@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5729-4917

RESUMO

Este trabalho tem como foco analisar a questão da hermenêutica no pensamento do autor Filipe Melanchthon (1947-1560). Melanchthon foi um humanista e também um reformador do século XVI. Ele atuou ao lado de Lutero na Reforma Protestante. Este artigo terá como foco analisar como Melanchthon contribuiu para o desenvolvimento da hermenêutica; e qual chave hermenêutica é preciso ter em mente para ler sua importante obra *Loci Theologici* (Principais tópicos teológicos). Para isso, inicialmente deseja-se fazer uma breve introdução acerca da questão da hermenêutica, a partir de Hans-Georg Gadamer (2002); com auxílio de autores que comentaram o seu pensamento como Richard E. Palmer (1969) e Jean Grodin (1999). E ao final será abordada a questão da hermenêutica em Melanchthon.

Palavras-chaves: Hermenêutica, Gadamer, Filipe Melanchthon, Loci Theologici.

ABSTRACT

This paper intends to analyze the hermeneutic question in the thought of Philip Melanchthon (1547-1560). Melanchthon was a humanist and also a 16thcentury reformer. This article focuses on analyzing how Melanchthon has contributed to hermeneutics

[1] Bacharela em Ciências Humanas (UFJF), especialista em Ciência da Religião (UFJF) e mestranda em Ciência da Religião (UFJF), bolsista CAPES.

development, and what hermeneutic keys we need to have in mind to read his important work *Loci Theologici* (main theological topics). For this, we will, initially, offer a brief introduction about the hermeneutic question, through Hans-Georg Gadamer (2002), with the help of authors who have made comments about his thoughts, such as Richard E. Palmer (1969) and Jean Grodin (1999). At last, we will approach the hermeneutic question in Melanchthon.

Keywords: Hermeneutics, Gadamer, Philip Melanchthon, Loci Theologici.

Introdução

Este artigo tem como foco analisar a questão da hermenêutica no pensamento do humanista e reformador Filipe Melanchthon. O foco será entender como a mesma se deu em seu trabalho, bem como, deseja-se mostrar qual chave hermenêutica é preciso ter em mente para ler sua obra.

Para atingir esses objetivos, um simples caminho foi traçado. Em primeiro lugar pontua-se uma breve apresentação da figura de Melanchthon, sua vida e relevância no processo histórico. Em seguida, busca-se trazer uma pequena introdução sobre a hermenêutica, visando pontuar sua história e significado. Em terceiro lugar deseja-se expor uma introdução ao pensamento de Hans-Georg Gadamer (2002), autor muito importante quando se analisa esse campo do conhecimento.

Então, através da exposição de Gadamer sobre o tema, busca-se mostrar Melanchthon como alguém que contribuiu para o desenvolvimento da hermenêutica. E, a partir disso, se tentará entender o desenvolvimento que Melanchthon acrescentou à essa área, bem como a chave hermenêutica necessária para ler a sua obra *Loci Theologici* (Principais tópicos teológicos) (GROSS, 2018).

Filipe Melanchthon

Antes de entrar na questão da hermenêutica, e analisá-la no interior do pensamento de Filipe Melanchthon, faz-se necessária uma introdução a esse autor. Melanchthon nasceu em 1497, em Bretten, Alemanha (ULRICH; KLUG, 2016); e ao longo de sua história ele veio a ser uma figura relevante em seu país e também fora dele. Entretanto, no campo acadêmico brasileiro atual, e também no campo protestante, ele constitui uma

figura de segundo plano, e até mesmo uma figura quase desconhecida. Mas, embora ele tenha sido deixado de lado na história, atualmente um esforço tem sido feito para resgatar sua figura, devido a sua importância na Reforma Protestante e também sua importância para a educação na Alemanha.

Nesse sentido, o texto de Claudete B. Ulrich e João Klug (2016) representa um esforço, brasileiro, que contribui para o resgate da figura de Melanchthon. Ali, logo no início, os autores apontam a relevância de Melanchthon, buscando ampliar a reflexão sobre a Reforma, apontando a mesma como obra de várias pessoas e não apenas de Lutero, sendo um destes Filipe Melanchthon (ULRICH; KLUG, 2016). Sobre Melanchthon eles dizem:

> A sua importância fica evidente quando se visita a Igreja do Convento em Wittenberg. Pode-se ver, lado a lado próximo ao altar, as sepulturas de ambos os reformadores, de Lutero e de Melanchthon. Esta importância fica ainda mais visível quando se visita a praça do mercado na cidade de Wittenberg, onde em 1860, para lembrar os 300 anos do seu falecimento, foi erguido um monumento ao lado do monumento de Martin Lutero (ULRICH; KLUG, 2016, p. 150).

Ou seja, Melanchthon foi alguém importante ao lado de Lutero. E ele não se apresentou como fundamental apenas para um campo do conhecimento, mas ele desempenhou papéis importantes tanto na Reforma Protestante, quanto no âmbito educacional. O que garante a ele tanto o título de humanista quanto de reformador. Portanto, para pensar sobre Melanchthon é necessário levar essas duas facetas em conta.

Foi em um ambiente intelectual que ele cresceu, e desde cedo já foi inserido no estudo do latim. Devido a sua facilidade para o aprendizado da língua, logo ele foi enviado à cidade de Pforzheim para estudar latim. Dali para frente ele se debruçou sobre a carreira acadêmica, estudando em universidades como a de Heidelberg e Tübingen, e ainda chegou a lecionar tanto nesta última citada quanto na universidade de Wittenberg (CRUZ, 2021). Melanchthon foi Bacharel em Artes clássicas e também Mestre em artes; em Wittenberg ele assumiu a cátedra de grego, e ali lecionou ao longo de sua vida (ULRICH; KLUG, 2016).

Melanchthon "foi um humanista de envergadura, que soube dialogar com intelectuais e com os poderes políticos e religiosos de seu tempo, deixando vasta obra que abrange várias áreas do saber, como: astrologia, gramática, retórica, geografia, física, pedagogia, filosofia, teologia" (ULRICH; KLUG, 2016, p. 150-151). Enquanto humanista ele foi alguém que defendia os ideais do humanismo renascentista, ele

valorizou "os estudos clássicos, o conhecimento das línguas e a filosofia natural" (CRUZ, 2021, p. 191). O que significa que ele reconhecia que "o que era tido como verdade" estava nos textos antigos, e por isso o interesse em retomá-los. Nesse mesmo sentido ele buscava a revalorização das línguas clássicas (latim, grego, hebraico), pois elas iriam permitir a leitura dos textos originais, a volta às fontes, tão crucial para o Renascimento. E, por fim, ele valorizava a filosofia natural no sentido de entender que devido ao fato do homem ser um ser natural, o conhecimento da natureza era, portanto, algo indispensável (CRUZ, 2021).

Além disso, o pensamento de Melanchthon também carrega consigo uma dimensão prática, não no sentido imediatista e tecnicista. Mas, no sentido de valorizar uma educação que se contrapõe a uma concepção meramente especulativa e metafísica, que caracteriza o pensamento medieval. Como Gross (2020a) aponta, o viés prático humanista era o princípio para a crítica da Escolástica. Ou seja, a crítica a um pensamento puramente dialético (lógico), buscando equilíbrio deste com a dimensão "que, primeiro, integra o próprio processo reflexivo e, segundo, enfatiza o aspecto discursivo e dialogal" (GROSS, 2020a, p. 753). Portanto, Melanchthon visava a harmonia entre dialética e retórica, o que permitiria a "correlação entre reflexão e prática" (GROSS, 2020a, p. 755). É devido a essa dimensão que ele aborda em seu pensamento "exemplos da preocupação com a ética e com o âmbito jurídico" (GROSS, 2020a, p. 754). Ou seja, ele valoriza uma filosofia prática, voltada à ética e também à filosofia política; não um pensamento meramente especulativo, mas sim um pensamento para a vida cotidiana.

Por fim, Melanchthon também foi um reformador. Entretanto, nele, humanista e reformador não são características ou funções descoladas, mas vieses que se perpassam e interpõem. Seu humanismo está implicado em seu caráter reformador, e vice-versa. Pensando agora que ele foi um reformador, é possível pontuar que ele o foi num sentido duplo. Ele foi um reformador educacional, e um reformador religioso.

Foi o seu papel de reformador educacional que rendeu a ele o título de "*Praeceptor Germaniae* (Mestre da Alemanha), *Der Lehrer Deutschlands* (O Professor da Alemanha)" (ULRICH; KLUG, 2016, p. 150). Melanchthon visou reformar tanto o ensino superior quanto o básico. Nas universidades ele buscou substituir base escolástica (predominância da filosofia aristotélica sobre a Teologia) pela interpretação das Escrituras bíblicas. Mantendo ao lado dessas a gramática, a lógica e a retórica; acentuando

a importância dos estudos humanísticos para a teologia (CRUZ, 2021). Na universidade ele também reformulou o regulamento que geria os estudos (o que seria estudado e como; valorizando uma educação humanista) e também os estatutos que geriam a conduta geral dos estudantes (SCHEIBLE, 2013).

Já no âmbito escolar ele estabeleceu três classes, apontando o que as crianças deveriam aprender e praticar em cada classe. Além de também escrever compêndios que instruíam como criar uma escola; seu texto mais conhecido nesse sentido é a "*Instrução para os Visitadores*" (SCHEIBLE, 2013, p. 44). Ulrich e Klug (2016) apontam ainda dois feitos de Melanchthon nessa área. Primeiro, ele pode ser considerado o "inventor da escola secundária" (ULRICH; KLUG, 2016, p. 163), uma escola que visava preparar os alunos para o ensino universitário. Foi na cidade de Nürnberg que a primeira escola desse tipo foi estabelecida. E ele teve também uma escola em sua casa, conhecida como escola doméstica. Ali os alunos, vindos de diversos lugares, moravam com o mestre; estudavam e faziam suas atividades. Essa escola privada dele acabou se tornando o modelo de uma "escola humanístico-reformatória" (ULRICH; KLUG, 2016, p. 158).

Por fim, ele participou ativamente da Reforma Protestante ao lado de Lutero; participando das disputas envolvidas na mesma, bem como contribuindo para a escrita de textos importantes dessa época[2]. Ele e o prestigiado reformador se conheceram quando ambos lecionavam na universidade de Wittenberg. Logo eles se tornaram amigos próximos, Lutero aprendeu grego com Melanchthon, e Melanchthon estudou teologia[3] devido à influência de Lutero (CRUZ, 2021). O resultado dos estudos teológicos de Melanchthon (sem retirar seu viés humanista, que o acompanhou por toda vida), e da participação dele na Reforma, pode ser visto em seu texto dos *Loci Theologici.*

É exatamente esse texto, escrito inicialmente para as preleções bíblicas dele na universidade e que se tornou "a primeira descrição sistemática da teologia da Reforma" (SCHEIBLE, 2013, p. 33), que este artigo pretende analisar. O desejo aqui é pontuar, como através dele, Melanchthon contribuiu para o desenvolvimento da hermenêutica enquanto âmbito do conhecimento, bem como apontar a chave hermenêutica necessária para a leitura deste texto. Mas, antes de abarcar essa questão da hermenêutica em

[2] Aqui podemos citar a Confissão de Augsburgo (1530) e Apologia da Confissão (1531).
[3] Ele conquistou o diploma de Bacharel em Bíblia (*Baccalaureus biblicus*).

Melanchthon, busca-se agora fazer uma introdução ao tema da hermenêutica; entendendo seu conceito, e conhecendo os autores que influenciaram esse campo do conhecimento.

O conceito de hermenêutica

Muitas vezes de forma automática associa-se o termo "hermenêutica" a "interpretação". Fazer isso não é incorrer em erro, mas é preciso ter em mente que a "hermenêutica" vai muito além dessa simples definição. Jean Grodin (1999) confirma isso ao mostrar que "o termo hermenêutica, no atual uso lingüístico, encerra muita amplitude e conseqüente imprecisão. Pode significar explanação, explicação, tradução, exegese ou interpretação nas mais variadas áreas de conhecimento" (GRODIN *apud* DISCHINGER, 1999, p. 9). Por isso, conforme o próprio autor mostra, é preciso pontuar uma delimitação terminológica que restrinja esse termo a uma teoria da interpretação. Obviamente neste artigo não é o foco, e nem mesmo seria possível, esgotar o tema. Entretanto, deseja-se aqui trazer uma luz sobre esse termo.

Historicamente, muitas teorias hermenêuticas têm se ocupado com os processos interpretativos. Grodin aponta que cronologicamente a hermenêutica foi considerada muito relevante na investigação dos textos antigos. Ela também foi fundamental na Idade Média, quando se baseou no critério da autoridade. Mas, ela adquiriu uma importância especial após a Reforma; pois o critério da Escritura para a fé cristã exigiu uma rigorosa investigação dos textos e seus significados (GRODIN *apud* DISCHINGER, 1999).

As pesquisas históricas desse autor em questão revelam que uma história da hermenêutica foi se desenvolvendo até o século 18 (quando a mesma não apresentava consciência de si, e nem possuía esse nome, mas já se delineava como teoria geral da interpretação). Então, com "o tempo, a 'ars interpretandi' convergiu para a crítica da exegese ou da filologia. Mas, normalmente é atribuída a Lutero a revitalização da arte de interpretar. Seu seguidor Flacius Illyricus, elaborou a primeira teoria hermenêutica moderna da Sagrada Escritura" (GRODIN *apud* DISCHINGER, 1999, p. 13). Entretanto, é com "a eclosão do historicismo e o acirramento da validade epistemológica da História, da Psicologia, da Sociologia e das ciências do espírito em geral" (GRODIN *apud* DISCHINGER, 1999, p. 13) que a temática compreensão/interpretação vai adquirir um novo relevo.

Em Richard E. Palmer (1969) obseva-se que a hermenêutica, historicamente, foi e é central em disciplinas como teologia, filosofia e interpretação literária. Como resposta

à questão sobre o que é hermenêutica, esse autor traz a definição do *Webster Third New International Dictionary* que a define como: "o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e de explicação; hermenêutica específica: o estudo dos princípios gerais de interpretação bíblica" (PALMER, 1969, p. 16). Ou seja, em um âmbito geral é um estudo sobre os princípios metodológicos da interpretação e explicação, já em um âmbito mais específico, tem-se esses mesmo princípios metodológicos de interpretação aplicados à Bíblia. O próprio autor coloca que essa é uma "compreensão operatória da própria palavra" (PALMER, 1969, p. 16). Portanto, é preciso ir além, tanto no âmbito geral (de uma abordagem introdutória acerca da mesma), quanto no âmbito teológico.

Ainda para este autor, o ponto central da hermenêutica é a compreensão do significado de uma obra, que se dá por meio de um processo de decifração. Então, a hermenêutica enquanto estudo da compreensão "é essencialmente a tarefa de compreender textos" (PALMER, 1969, p. 19). Assim como as ciências da natureza têm seus métodos para compreender um objeto natural, os textos têm a hermenêutica, ou seja, uma ciência da compreensão. Mas, o autor aponta que a hermenêutica não é meramente uma metodologia de interpretação, assim como temos uma metodologia nas ciências da natureza. Segundo ele,

> [...] a hermenêutica chega à sua dimensão mais autêntica quando deixa de ser um conjunto de artifícios e de técnicas de explicação de texto e quando tenta ver o problema hermenêutico dentro do horizonte de uma avaliação geral da própria interpretação. Deste modo, implica dois pólos de atenção, diferentes e interactuantes: 1) o facto de compreender um texto e 2) a questão mais englobante do que é compreender e interpretar (PALMER, 1969, p. 29-20).

Portanto, não é algo que diz meramente acerca de artifícios e forma de se interpretar, ou explicar o texto. É mais do que simplesmente técnicas de interpretação, é a questão do compreender que está em jogo, com todos os seus desafios e particularidades. Para isso a própria questão da interpretação precisa ser mais bem definida. Nesse âmbito o autor pontua que muito daquilo que os seres humanos fazem é interpretar, que é um ato essencial do pensamento humano.

> O cientista chama «interpretação» à análise que faz dos dados; o crítico literário chama interpretação à análise que faz de uma obra. Chamamos intérprete ao tradutor de uma língua estrangeira; um comentador de notícias «interpreta» as notícias. Interpretamos — por vezes erradamente — uma observação de um amigo, uma carta de familiares, ou um sinal da estrada. Na verdade, desde que acordamos de manhã, até que adormecemos, estamos a «interpretar» (PALMER, 1969, p. 20).

Interpretar está implicado no dia a dia, sendo assim, ultrapassa o mundo linguístico, e se interpõe na vida das pessoas. Segundo ele, "o próprio facto de existir" (PALMER, 1969, p. 20) é um processo constante de interpretação. Mas a existência humana também implica em linguagem, e por isso, para Palmer, a interpretação humana precisa lidar com essa questão. Sendo assim, a hermenêutica também lida com a linguagem e consequentemente com as humanidades. Por fim, o que se percebe através desse autor é: "a interpretação é, portanto, um fenômeno complexo e universal" (PALMER, 1969, p. 21).

A partir dessa constatação, Palmer (1969) começa a apontar caminhos para se compreender a "hermenêutica" em si própria. Segundo ele, "as raízes da palavra hermenêutica residem no verbo grego *hermeneuein*, usualmente traduzido por «interpretar», e no substantivo *hermeneia*, «interpretação»" (PALMER, 1969, p. 23). Essas palavras apareciam muito nos textos da Antiguidade. E em seu antigo uso, a forma verbal (hermêneuein) exprimia três vertentes básicas: "1) exprimir em voz alta, ou seja, «dizer»; 2) explicar, como quando se explica uma situação, e 3) traduzir, como na tradução de uma língua estrangeira" (PALMER, 1969, p. 24). E esses três significados podem ser expressos em português por "interpretar", referindo-se a três usos diferentes: recitação oral, explicação racional e tradução (PALMER, 1969). Sendo assim, esses três âmbitos exprimem que "há algo que requer representação, explicação ou tradução e que é, de certo modo, «tornado compreensível», «interpretado»" (PALMER, 1969, p. 25). Conforme mostrado pelo autor, a fala, a explicação e a tradução envolvem diretamente o processo de compreensão (e, portanto, consequentemente, hermenêutica). Mas, as definições modernas de hermenêutica sempre darão ênfase a uma ou a outra orientação.

Com o passar dos anos, e com a evolução em seu próprio campo, Palmer (1969) afirma que a hermenêutica pode ser definida por seis vertentes diferentes. Mas desde o início, a mesma significa a ciência da interpretação referindo-se à exegese adequada de um texto. Então, segundo ele, essas seis são:

> 1) uma teoria da exegese bíblica; 2) uma metodologia filológica geral; 3) uma ciência de toda a compreensão lingüística; 4) uma base metodológica dos Geisteswissenschaften; 5) uma fenomenologia da existência e da compreensão existencial; 6) sistemas de interpretação, simultaneamente recolectivos e inconoclásticos, utilizados pelo homem para alcançar o significado subjacente aos mitos e símbolos (PALMER, 1969, p. 25).

Para esse autor, como se observa ainda nesta página, essas definições não se referem apenas a um estádio histórico, mas sim, cada uma indica um momento importante, ou seja, uma determinada forma de se abordar o problema da interpretação. São os pontos de vista por meio dos quais a hermenêutica é encarada. Cada um desses âmbitos possui sua particularidade quanto ao tema, abordando aspectos diferentes, mas de igual legitimidade; abarcando também algumas semelhanças entre si. Não cabe aqui abordar cada uma dessas definições, mas Palmer (1969) o faz de maneira clara e objetiva nas páginas 44-54. O que ele deixa bem claro é que essas diferentes orientações "ilustram em si mesmas um princípio hermenêutico: a interpretação é moldada pela questão a partir da qual o intérprete aborda o seu tema" (PALMER, 1969, p. 75). Ele acentua ainda que o problema da hermenêutica é tão complexo, que nenhuma escola de pensamento irá abarcá-lo sozinha.

É importante frisar aqui que o pensamento contemporâneo ainda abarca em si graus variáveis dessas seis definições. Mas, conforme Palmer (1969) aponta, hoje existe uma nítida polarização neste campo:

> Temos, por um lado, a tradição de Schleiermacher e de Dilthey, cujos partidários encaram a hermenêutica como um corpo geral de princípios metodológicos que subjazem à interpretação. E temos, por outro, os seguidores de Heidegger que vêm a hermenêutica como uma exploração filosófica das características e dos requisitos necessários a toda a compreensão. Os representantes mais conhecidos destas duas posições básicas são Emílio Betti, autor de uma obra sobre teoria da interpretação e Hans-Georg Gadamer (PALMER, 1969, p. 55).

Ou seja, a primeira vertente defende uma teoria geral e metodológica, de como se dará a interpretação; aqui existe uma objetividade histórica para se elaborar interpretações válidas. Já a segunda vertente busca a interpretação em um âmbito mais filosófico; aqui a compreensão é um ato histórico, que está sempre relacionada com o presente (PALMER, 1969).

A abordagem de Gadamer

No campo hermenêutico atual, este presente texto deseja concentrar-se, mesmo que brevemente, em Hans-Georg Gadamer (1900-2002), filósofo alemão e professor, muito conhecido por sua obra Verdade e Método (1960) (*Wahrheit und Methode* 1960), em que ele abarca uma rica teoria acerca do tema da hermenêutica. Segundo Palmer

(1969) neste texto ele desenvolveu um trabalho sistemático acerca da hermenêutica filosófica.

> Gadamer traça detalhadamente o desenvolvimento da hermenêutica, de Schleiermacher até Dilthey e Heidegger, fornecendo o primeiro relato histórico adequado da hermenêutica englobando a perspectiva do contributo revolucionário de Heidegger e reflectindo sobre ele (PALMER, 1969, p. 51).

Mas, ainda segundo esse autor, o texto de Gadamer vai muito além de uma história da hermenêutica, mas sim, é um esforço para relacionar a hermenêutica, a estética e a filosofia do conhecimento histórico. Bem como, apresenta uma crítica heideggeriana da hermenêutica, e retrata também parte do pensamento hermenêutico de Hegel e Heidegger. Inserindo, por fim, a hermenêutica em sua fase linguística (PALMER, 1969). É nesta parte, enfim, que se encontra a famosa afirmação de Gadamer: "um ser que pode ser compreendido é linguagem" (GADAMER *apud* PALMER, 1969, p. 52); ou seja, "a hermenêutica é um encontro com o Ser através da linguagem" (PALMER, 1969, p. 52). Portanto, Gadamer está orientando seu pensamento para uma questão filosófica que busca responder o que é a interpretação. Nesse sentido, ele vai defender "que a compreensão é um acto histórico e que como tal está sempre relacionada com o presente" (PALMER, 1969, p. 55).

De uma forma bem geral e abrangente — pois seria impossível esmiuçar todas as ideias de Gadamer em um breve artigo — é possível dizer que Gadamer lidou com o problema filosófico da compreensão, e desenvolveu novas nuances sobre isso. Ele abandonou "a antiga concepção de hermenêutica como sendo a base metodológica específica das Geisteswissenschaften[4]" (PALMER, 1969, p. 168). Sendo assim, ele coloca o estatuto do método em questão. Para ele "o método não é o caminho para a verdade. Pelo contrário, a verdade zomba do homem metódico" (PALMER, 1969, p. 168). Segundo Palmer (1969) aqui está a ironia do título de seu livro, uma vez que um método no âmbito da hermenêutica não conduz ao alcance total da mesma, ou da verdade. Para Gadamer "a compreensão não se concebe como um processo subjectivo do homem face a um objeto mas sim como o modo de ser do próprio homem" (PALMER, 1969, p. 168).

[4] Ciências do espírito.

Nesse sentido, a hermenêutica não será uma disciplina geral que irá ajudar no âmbito das humanidades. Mas, ela será uma "tentativa filosófica que avalia a compreensão, como processo ontológico — o processo ontológico — do homem" (PALMER, 1969, p. 168). A mesma não estará presa ao mundo do texto, mas vai para muito além dele.

Portanto, para Palmer (1969), Gadamer distingue sua hermenêutica filosófica, de uma hermenêutica que irá se orientar por meio de métodos e metodologias. Ele não está pensando em questões práticas que irão conduzir a uma correta interpretação. Mas, ele quer ir mais fundo e "esclarecer o próprio fenômeno da compreensão" (PALMER, 1969, p. 168). Ainda segundo esse autor, Gadamer não nega a importância de formulações de princípios interpretativos, contudo ele quer pensar a compreensão não só no âmbito das humanidades, mas em toda experiência humana no mundo. Para ele "o movimento da compreensão é englobante e universal" (GADAMER *apud* PALMER, 1969, p. 169).

> A compreensão, diz Gadamer, é sempre um evento histórico, dialéctico, lingüístico — nas ciências, nas ciências humanas, na cozinha. A hermenêutica é a ontologia e a fenomenologia da compreensão. A compreensão não é concebida de modo tradicional como um acto da subjectividade humana mas como o modo essencial que o *Dasein* tem de estar no mundo. As chaves para a compreensão não são a manipulação e o controle, mas sim a participação e a abertura, não é o conhecimento mas sim a experiência, não é a metodologia mas sim a dialéctica (PALMER, 1969, p. 216).

Portanto, Gadamer se preocupa com a hermenêutica enquanto fenômeno da compreensão. A mesma não se limita às humanidades, e nem se dá por meio de métodos e conhecimentos, mas sim por meio da abertura e da experiência. Em seu livro Verdade e Método ele irá elencar diferentes teses que apontam para esse caminho, para essa forma filosófica da hermenêutica.

A retórica no processo interpretativo

Ponto importante para este artigo está no livro dois de Verdade e Método escrito por Gadamer. Neste livro ele dedica uma parte à discussão sobre "Retórica e Hermenêutica (1976)". Aqui, o autor mostra a retórica como parte da antiga tradição medieval e humanista, um elemento que impregnava tudo ao seu redor (GADAMER, 2002). Nesse âmbito ele aponta que a teoria hermenêutica "não se desenvolveu sob a

perspectiva da teoria do conhecimento e da teoria da ciência, mas sob a urgência das controvérsias teológicas iniciadas com a Reforma" (GADAMER, 2002, p. 322).

O autor pontua que desde o final da República Romana a retórica havia perdido seu posto central, e na Idade Média a mesma subsistia como parte da cultura escolar mantida pela igreja. É então, através do humanismo, com a redescoberta da Antiguidade, e através de uma mudança funcional, que a mesma experimenta uma renovação. Pois, a partir da Reforma, e com o advento da imprensa, passou a existir uma cultura de leitura privada, deixando em segundo plano a voz falada. Agora a leitura passa a exigir um processo de interiorização, e devido a isso a retórica passa por uma revitalização humanística que transformou sua figura e influência (GADAMER, 2002).

> Desse modo, mesmo parecendo ser uma mera aplicação dos ensinamentos da antiga arte de discursar, acaba surgindo algo novo, a nova hermenêutica, que se ocupa da interpretação dos textos. Há, pois, um ponto em que a retórica e a hermenêutica são profundamente parecidas: a faculdade de falar e a faculdade de compreender são dons humanos naturais que podem alcançar um desenvolvimento pleno, mesmo sem a aplicação consciente de normas (GADAMER, 2002, p. 326).

Portanto, a partir desse momento, retórica e hermenêutica trilham um caminho semelhante, onde fala e compreensão são entendidas como dons naturalmente humanos, e por isso, poderiam experimentar um desenvolvimento pleno. Há entre ambas um estreitamente temático, como o autor revela.

Então, a retórica também passa a dizer respeito aos discursos escritos, distinguindo, a partir de então, diferentes gêneros (jurídico, político e demonstrativo). Gadamer (2002) aponta que essa nova caracterização da retórica encontra força em Filipe Melanchthon, que acrescentou a essa listagem, o *genos didaskalion*, ou seja, o discurso didático. Percebe-se a partir disso que, para Melanchthon, a verdadeira utilidade da retórica era aplicada aos estudos dos jovens, dando a eles a "faculdade de aprender e julgar discursos, debates e sobretudo livros e textos" (GADAMER, 2002, p. 327). Isso porque era importante para ele dar prioridade a "leitura, transmissão e apropriação das verdades religiosas acessíveis nos textos" (GADAMER, 2002, p. 327). Algo importante nesse sentido é citado por Gross (2020b), ele aponta que:

> Melanchthon valorizava a retórica não simplesmente como domínio dos adornos aplicados à linguagem. Seu entendimento da disciplina da retórica era de que os conhecimentos que ela veiculava eram essenciais no processo interpretativo, sendo o domínio de suas regras fundamental para a tarefa de compreender corretamente a intenção dos textos.

> Estudar a arte retórica permite reconhecer nas expressões alheias as distinções sutis necessárias para a boa compreensão. Assim, exercitar-se na disciplina da retórica significa um exercício intelectual, um aprimoramento das próprias faculdades (GROSS, 2020b, p. 102-103).

Observa-se aqui que retórica não é meramente o adorno da linguagem, mas seus constituintes são essenciais para o âmbito da interpretação. O que conduz a compreender corretamente os textos. Foi deste modo, para Gadamer, que "a tarefa da retórica deslocou-se para a hermenêutica, sem existir uma consciência expressa dessa mudança" (GADAMER, 2002, p. 327). Isso se deu antes que o termo "hermenêutica" fosse utilizado. Gross (2020b), nesse sentido, concorda com Gadamer (2002), ao apontar que Melanchthon, por meio de sua compreensão e valorização da retórica, contribuiu para o desenvolvimento dos métodos interpretativos, que culminaram, posteriormente, na filosofia hermenêutica (GROSS, 2020b).

A retórica passa, portanto, a influenciar pontos decisivos da interpretação. Principalmente no que diz respeito à verdade.

> Assim como a verdadeira retórica, para o discípulo de Platão, é inseparável do conhecimento da verdade das coisas (*rerum cognitio*), sob pena de mergulhar numa absoluta nadidade, também para a interpretação dos textos representa o postulado óbvio de que estes contenham a verdade sobre as coisas (GADAMER, 2002, p. 327).

Para Melanchthon isso é uma questão importante, pois "a controvérsia teológica sobre a compreensibilidade da Sagrada Escritura constitui o fundamento motivador" (GADAMER, 2002, p. 327); e neste ponto encontra-se, para ele, a implicação da questão da verdade. Compreender as Escrituras, para o mesmo, seria compreender as verdades nela implicadas.

A partir de agora, observe a análise de Melanchthon feita por Gadamer. Segundo este autor, um pressuposto óbvio no curso da retórica de Melanchthon era o princípio bíblico da teologia luterana. Sendo assim, "Melanchthon procura justificar o sentido e valor da retórica num nível geral da nova virada rumo à leitura" (GADAMER, 2002, p. 327). Para Melanchthon era necessária uma arte que facilitasse o ordenamento e articulação do texto (MELANCHTHON, *OPERA* XIII, P. 417 *apud* GADAMER, 2002). Sendo assim, ele segue Aristóteles e a tradição medieval e humanista, e relaciona estreitamente a retórica com a dialética, garantido a aplicabilidade de ambas (GADAMER, 2002).

Para este humanista e reformador, o mais importante era a finalidade do discurso. Este conceito, segundo Gadamer, ele toma emprestado da introdução metodológica à ética aristotélica, e o mesmo será determinante na hermenêutica posterior, principalmente por parte de Flacius. Aqui, Melanchthon não se refere ao discurso num sentido estrito; mas sim, ao "conhecimento da intenção básica de um texto" que segundo ele, é essencial "para uma compreensão adequada" (GADAMER, 2002, p. 328).

Este ponto que diz respeito a se conhecer a intenção básica de um texto foi essencial, segundo Gadamer, para a metodologia usada por Melanchthon, ou seja, seus *loci comunes.* Neste sentido é útil que entendamos o que de fato são esses *loci.*

Os *loci* em Melanchthon – Uma novidade hermenêutica

Antes de qualquer aprofundamento sobre o tema é necessário entender que os *loci* são um gênero literário, ou seja, uma categoria de composição textual. Segundo Gadamer (2002), esse gênero é parte da *inventio*[5]*,* que se relaciona com a tradição da tópica de Aristóteles. *Locus,* do latim, quer dizer tópico, ou lugar. Portanto, esse é um gênero composto por tópicos, e esses tópicos abarcam o lugar da argumentação.

Melanchthon herdou esse gênero literário por intermédio de dois humanistas, Rudolf Agricola (1444–85) e Erasmo de Rotterdam (?1469–1536). Scheible aponta isso em sua bibliografia acerca do autor:

> Sobre os *Loci* e sua utilização Melanchthon manifestou-se pela primeira vez em sua Retórica de 1519, quando ainda não se encontrava sob a influência de Lutero. Ali ele se reportava à obra *Epistola de ratione studii*, de Rudolf Agricola, bem como ao compêndio de retórica de Erasmo *De duplici copia verborum ac rerum* [O duplo estoque de palavras e objetos] (SCHEIBLE, 2013, p. 147).

Como se dava a utilização desse gênero? Erasmo é quem oferece a resposta. Scheible (2013) aponta que aos alunos, que liam diferentes autores para poder conhecer a fundo toda literatura, Erasmo recomendava o exercício de fazer perguntas ao texto e em seguida anotar o maior número possível de *loci* (ou seja, motivos ou temas tradicionais),

[5] Uma parte da retórica que tem por objetivo a atividade de descobrir ou inventar novos argumentos. A palavra aparece em Aristóteles e pode ser traduzida como "encontro", ou "descoberta" ou "invenção". Alguns propõe que não existe um método particular para a invenção dos argumentos. Já outros pensam que existe um método aplicável para invenção de ideias e argumentos (PETERSON, 2012, p. 191-203).

e por fim classificar os mesmos por princípio de afinidade e contraste. Pois, dessa forma eles iriam categorizar o material lido, tendo um estoque amplo de exemplos verbais e escritos, formando um tipo de enciclopédia. Portanto, esse gênero diz respeito a "um esquema de ordenamento aplicado ao texto" (SCHEIBLE, 2013, p. 148). Nesse âmbito, o sistema que os alunos iriam usar para classificar esses *loci* eles mesmos poderiam desenvolver, ou poderiam assumir de algum filósofo. "O resultado é uma coleção de materiais para comentário; assim, passagens obscuras se esclareceriam pela comparação com outras" (SCHEIBLE, 2013, p. 148).

Scheible (2013) ainda aponta que Erasmo, em sua obra *Methodus* de 1516, recomenda os *loci* também para o estudo da Bíblia. Ou seja, para ele, a pessoa interessada na leitura bíblica deveria compilar alguns *loci* teológicos. "Ele menciona como exemplos fé, jejum, sofrimento, consolo, cerimônias, piedade, mas acredita que se possa chegar a uns 200 ou 300; em 1519 já são inúmeros" (SCHEIBLE, 2013, p. 148).

Portanto, Melanchthon utilizava esse gênero aprendido com esses humanistas. Mas, ele não se contentou com a forma tradicional de aplicar o uso do gênero, e fez algumas mudanças de acordo com aquilo que o interessava. Melanchthon de igual forma via os *loci* como um "um esquema de ordenamento aplicado ao texto" (SCHEIBLE, 2013, p. 148). Entretanto, ele não desejava apenas ordenar o texto, mas sim, desejava encontrar "uma correlação objetiva dos conceitos com os temas" (SCHEIBLE, 2013, p. 148). Ou seja, ele buscou estabelecer uma "interconexão sistemática entre os *loci*" (SCHEIBLE, 2013, p. 148), o que consequentemente leva esse gênero um passo à frente.

Entretanto o grande feito hermenêutico de Melanchthon se deu quando ele aplicou seu conceito e prática dos *loci* à leitura bíblica. "Em suas preleções sobre a Carta aos Romanos, ele se deu conta de que essa obra-mor do apóstolo Paulo apresenta uma estrutura que ele, na qualidade de intérprete, precisava trazer à tona" (SCHEIBLE, 2013, p. 149). O que isto significa? Scheible mostra, nesta mesma página, que Melanchthon não abordou o texto com uma opinião pré-formada, e nem fez perguntas ao texto com base em um sistema pré-formado de *loci*, mas sim, tentou entender o que o texto queria dizer, e quais *loci* estavam contidos no mesmo. "Esse é um grande avanço hermenêutico, que tem demonstrado sua validade independentemente do respectivo conteúdo" (SCHEIBLE, 2013, p. 149).

Então, Melanchthon traz à tona os *loci* contidos na Carta de Paulo aos Romanos. Ele publica essa obra em fascículos, de agosto a dezembro de 1521, com o título *Loci Theologici* (Principais tópicos teológicos) (GROSS, 2018). Segundo Gadamer, "Melanchthon foi o primeiro a fundamentar a dogmática do protestantismo antigo numa escolha e compilação significativas de passagens decisivas da Sagrada Escritura" (GADAMER, 2002, p. 329).

Com relação a essa obra, ele a revisou muitas vezes, reescreveu três vezes em latim e redigiu uma versão alemã (SCHEIBLE, 2013). Hoje existem diferentes edições da mesma. Preus (2014) aponta que os estudiosos dividem as edições dos *Loci* em três períodos principais: o primeiro até 1535, o segundo de 1535-1543, e a versão final no ano de 1559. Melanchthon foi transformando a obra à medida que a Reforma foi se desenvolvendo. O objetivo de Melanchthon com seu escrito foi trazer um auxílio para aqueles que desejassem compreender as Escrituras, sendo que a mesma jamais poderia ser substituída. Essa obra de Melanchthon acabou sendo muito importante para a época, ela foi reconhecida como a primeira dogmática da teologia da Reforma, e também foi contada como um novo gênero literário científico, que veio a ter muitos imitadores (SCHEIBLE, 2013).

Os *Loci theologici* de Melanchthon e sua chave hermenêutica

A primeira versão dos *Loci Theologici* de Melanchthon é de 1521. Gross (2018) aponta que conhecer essa versão não é suficiente para se formar um juízo sobre o pensamento de Melanchthon, uma vez que a reflexão do autor é dinâmica e passa por várias mudanças. Mas a mesma serve para se ter uma dimensão de qual chave hermenêutica é necessária para leitura de sua obra.

O conteúdo deste texto de Melanchthon são os pontos mais comuns das questões teológicas. Ele mesmo deixa isso bem claro ao dizer que: "No ano anterior, para expormos a epístola paulina aos Romanos, organizamos em ordem metódica os tópicos mais comuns das questões teológicas até agora misturadas naquela epístola" (MELANCHTHON, 2018, p. 31; CR, 21, 81). Ele aponta que fez esse exercício para "servir de uma muito simples indicação quanto ao argumento e o contra-argumento da discussão paulina para aqueles a quem lecionávamos privadamente" (MELANCHTHON, 2018, p. 31; CR, 21, 81). Ou seja, ele desejava indicar os principais tópicos da doutrina

cristã, para auxiliar o estudo dos jovens. Nesse âmbito, ele desejava que os mesmos fossem convidados às Escrituras, e não que seu livro substituísse as Sagradas letras.

Em vista disso, então, ele indica quais são os tópicos ou capítulos das questões teológicas:

> Deus; Único; Trino; A criação; O ser humano, as capacidades do ser humano; O pecado; Os frutos do pecado, os vícios; As penas; A lei; As promessas; A renovação por Cristo; A graça; Os frutos da graça; A fé; A esperança; O amor fraterno; A predestinação; Os sinais sacramentais; Os estamentos das pessoas humanas; As autoridades; Os bispos; A condenação; A beatitude (MELANCHTHON, 2018, p. 37-39; CR, 21, 83-84).

A partir disso, ele irá apresentar esses tópicos. Alguns, segundo ele são incompreensíveis, outros são mais evidentes. Ele não se dedica aos tópicos mais excelsos (como Deus, unidade, trindade, criação), mas sim, àqueles mais necessários à humanidade (como poder do pecado, lei e graça) (MELANCHTHON, 2018; CR, 21).

Após essa breve introdução sobre o texto de Melanchthon, é preciso ter em mente a necessidade de uma chave de leitura, ou de uma chave hermenêutica para a interpretação dos *Loci Theologici.* Para o reformador a distinção entre Lei e Evangelho "é uma luz para toda a Escritura" (THOMPSON, 2017, p. 144). Portanto, a Bíblia deve ser lida e interpretada a partir dessa chave, bem como os seus *Loci Theologici.*

De maneira bem introdutória, a lei "é uma sentença pela qual tanto as boas coisas são prescritas quanto as más são proibidas" (MELANCHTHON, 2018, p. 135; CR, 21, 116). Nos *Loci* de 1521 elas podem ser tanto naturais, quanto divinas, quanto humanas. A lei, no âmbito teológico visa revelar "o poder e a razão do pecado" (MELANCHTHON, 2018, p. 135; CR, 21, 116). É através dela que se reconhece o pecado e seu poder. Já o Evangelho é proclamado em contraste e em complementaridade com a Lei. O "evangelho é a promessa da graça e da justiça" (MELANCHTHON, 2018, p. 257; CR, 21, 157), e a graça é a benevolência de Deus ao homem mesmo que pareçam opostos: "a lei aterroriza, o evangelho consola. A lei é a palavra da ira e da morte; o evangelho, a da paz e da vida..." (MELANCHTHON, 2018, p. 251; CR, 21, 155), um sempre existe ao lado e em função do outro. Ou seja,

> A lei condena, uma vez que através de nós não pode ser satisfeita. Cristo doa a graça do pecado aos que creem. De fato, Cristo muitas vezes também prega a lei, porque sem a lei o pecado não pode ser conhecido, porque a não ser que sintamos, não compreenderemos o poder e a amplitude da graça. Assim, simultaneamente devem ser pregados, lei e evangelho, devem ser mostrados o pecado e a graça. (MELANCHTHON, 2018, p. 225; CR, 21, 146).

Portanto, lei e evangelho precisam ser entendidos separadamente, mas também juntos. Ambos formam uma unidade. E é com essa unidade que Melanchthon trabalha.

Nesse âmbito, diferentes autores reconhecem que essa chave hermenêutica em Melanchthon se dá através do binômio Lei e Evangelho. Gross pontua: "é claro que toda a tradição cristã tinha reconhecido a insuficiência humana e a necessidade da graça divina. Entretanto, a radicalidade com que agora se coloca a dinâmica entre lei e evangelho não se harmoniza com mediações" (GROSS, 2018, p. 17). Ou seja, Melanchthon em seu escrito e pensamento deixou bem clara a importância dessa relação. Sendo assim, tudo passa a ser entendido através dessa fórmula. Scheible trilha o mesmo caminho ao nos dizer que: "Princípio fundamental na hermenêutica de Melanchthon é a distinção entre lei e evangelho [...]. Chama a atenção que Melanchthon mais do que Lutero, usou a distinção entre lei e evangelho como melhor ilustração daquilo que importa na teologia" (SCHEIBLE, 2013, p. 145). Isso significa que Melanchthon tratou cuidadosamente acerca desse tema em seus escritos teológicos. Pois, para ele, era essa a questão que ilustrava a verdadeira filosofia. Por fim, Peterson concorda com esse entendimento dos diferentes comentadores ao pontuar que: "a chave interpretativa para a compreensão de Melanchthon de toda a Escritura, uma chave que ele encontrou em Paulo, é a distinção entre Lei e Evangelho. Nos *Loci communes*, Melanchthon explica esta distinção entre Lei e Evangelho[6]" (PETERSON, 2012, p. 111) (Tradução nossa). Portanto, Lei e Evangelho era a chave, que Melanchthon encontrou no Novo Testamento, e usou para construir todo o seu pensamento teológico. E essa chave é trabalhada por ele, de forma muito clara, em seus *Loci Theologici.*

Dizer que lei e evangelho é uma chave hermenêutica no pensamento de Melanchthon, é o mesmo que dizer que ela é a base para seu raciocínio. E que, portanto, o autor constrói todo seu arcabouço teológico em cima da mesma. Ou seja, ele precisa dela para desenvolver qualquer outro tema.

Tem-se como exemplo o tema da justificação: "portanto somos justificados quando mortificados pela lei somos ressuscitados pela palavra da graça que foi prometida

[6] "The interpretive key for Melanchthon's understanding all of scripture, a key which he found in Paul, is the distinction between Law and Gospel. In the Loci communes Melanchthon explains this distinction between Law and Gospel" (PETERSON, 2012, p. 111).

em Cristo, ou seja, pelo evangelho que perdoa os pecados. E aderimos a ele pela fé [...]" (MELANCHTHON, 2018, p. 263; CR, 21, 159). Nesta citação do reformador observa-se que a pessoa não é justificada por suas obras, mas sim através de Cristo. Ela recebe essa justificação quando entende pela lei o seu pecado. A lei a acusa, a condena, a mata e revela sua insuficiência. Então, após isso, pela proclamação do evangelho ela recebe o perdão dos pecados por intermédio de Cristo, pela graça, e assim ela é ressuscitada. Agora, então, ela é feita justa não por suas obras, mas por causa da fé em Cristo, na sua misericórdia, justiça e graça. Portanto a lei revelou seu pecado e, por isso, a impossibilidade de justificação por suas obras; e o evangelho revelou sua justificação por meio de Cristo, gratuitamente.

Percebe-se, assim, que o processo de justificação necessariamente é composto pelos âmbitos da lei e do evangelho. E a mesma não existe sem esses componentes. Da mesma forma, o âmbito textual vai sempre marcar a justificação como consequência da relação entre lei e evangelho. Por isso a necessidade do entendimento dessa chave. Pois, se o leitor não entender lei e evangelho, bem como a dinâmica implicada em ambos, ele consequentemente não vai entender a justificação.

É dessa forma que Melanchthon vai apresentar todos os temas trabalhados em seus *Loci Theologici.* Ou seja, ali os temas desenvolvidos por ele são dependentes da chave lei e evangelho. Algo importante aqui é entender que essa mesma chave de leitura dos *Loci* é também a chave para a leitura e compreensão da própria Bíblia.

> "Deve-se observar que esse livro não contém somente *um* tipo de doutrina, como costuma ocorrer na maioria dos livros, mas dois tipos: a lei e o evangelho. Ambos se opõem por natureza, mas coincidem na medida em que a lei revela nossa condição pecadora e ajuda assim indiretamente na aceitação do perdão (outorgado por meio do Redentor)". Também esse é um tema hermenêutico. Significa que a Bíblia requer uma forma especial de apropriação: a aceitação da boa-nova pelo crente. É este o *scopus* a partir de onde se deve ler a Sagrada Escritura, mesmo que alguém a aborde como mero historiador ou como ateu, a partir de um ponto de vista marxista, por exemplo, que considera "falsa" toda religião. Esse tipo de texto deve ser compreendido – como qualquer outro – à luz de sua intenção (GADAMER, 2002, p. 332).

Portanto, esses dois temas, lei e evangelho, são as doutrinas encontradas na própria Bíblia. Por isso, os mesmos vêm a ser também um tema hermenêutico. O que Melanchthon faz é pontuar algo que já está dado no próprio texto. Esses temas, no fundo, só podem ser compreendidos à luz da intenção do texto. Nesse sentido, o que é critério para a compreensão do texto é critério no próprio texto.

Conclusão

Este artigo buscou mostrar que a hermenêutica, de forma muito basilar, diz respeito a interpretação. Mas, no âmbito filosófico ela caminha para muito além dessa simples definição, abarcando diferentes significados em diferentes níveis de operação. A mesma não se constitui apenas de um amontoado de métodos que garante a interpretação. O que ela abarca, de fato, é a questão do compreender, com todos os seus desafios e particularidades. Por isso a própria questão da interpretação precisa ser mais bem definida.

Nesse sentido, Gadamer foi alguém que compôs uma rica teoria da hermenêutica. No seu pensamento ele lidou com o problema filosófico da compreensão, e desenvolveu novas nuances sobre isso. Apontando que "um ser que pode ser compreendido é linguagem" (GADAMER *apud* PALMER, 1969, p. 52); sendo assim, "a hermenêutica é um encontro com o Ser através da linguagem" (PALMER, 1969, p. 52).

Em seu livro Verdade e Método II, ele apresenta vários âmbitos que são importantes no processo hermenêutico. Um desses âmbitos foi antecipado pela retórica, quando seu tema deixa de ser apenas um adorno do texto, e passa a ser algo importante para o processo interpretativo. Esse salto na questão da retórica foi possível através de alguns pensadores, um deles era Filipe Melanchthon. Por isso, buscou-se mostrar aqui o pensamento de Melanchthon sobre a questão da retórica, e consequentemente da interpretação.

Na parte final, desejou-se analisar o pensamento de Melanchthon, apontando que ele foi um autor que contribuiu para um salto hermenêutico através de seu escrito *Loci Theologici* (Principais Tópicos Teológicos). Os *loci* são um gênero literário já usado pelos humanistas anteriores a Melanchthon. Mas, a forma como Melanchthon se utilizou desse gênero representou um avanço hermenêutico, que pôde ser utilizado pela posteridade. Foi no seu escrito de teologia que ele usou esse gênero de forma inovadora, por isso a importância do mesmo. Não só como obra teológica, mas também como uma obra que abarca uma nova utilização de um gênero literário.

Em último lugar foi feita uma análise da chave hermenêutica que compõe a obra já citada de Melanchthon. Nela, bem como na Bíblia, lei e evangelho funcionam como a chave que o leitor precisa ter em mente para entender todos os outros pontos teológicos. Melanchthon, em seu trabalho, colocou essa chave de maneira clara e objetiva. O que fez

com que diferentes comentadores fossem capazes de reconhecer a mesma em seu pensamento.

A questão da hermenêutica num âmbito filosófico não é um tema simples. Por isso, este artigo não teve como objetivo esgotar a questão. O que se buscou aqui foi trazer um recorte acerca da mesma, bem como analisá-la através de alguns autores específicos. Concluindo, a interpretação é algo que ultrapassa o mundo linguístico e se interpõe na vida das pessoas. Ela é um fenômeno complexo e universal, por isso a importância de se discutir sobre esse tema, buscando entendê-lo de forma cada vez mais profunda.

Referências bibliográficas

CRUZ, Rubia Campos Guimarães. Filipe Melanchthon, reformador e humanista. *Sacrilegens,* Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 178-198, jan-jun / 2021.

DISCHINGER, Brenno. Apresentação. *In:* Grondin, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica* / Jean Grondin; tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e método II:* complementos e índice / Hans-Georg Gadamer; tradução de Ênio Paulo Giachini; revisão da tradução Marcia Sá Cavalcante-Schuback. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica* / Jean Grondin; tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

GROSS, Eduardo. A apreciação da literatura no humanismo teológico de Filipe Melanchthon. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 23, n. 41, set.-dez. p. 95-124, 2020b.

GROSS, Eduardo. A dimensão prática no pensamento de Melanchthon. *Estudos Teológicos.* São Leopoldo v. 60 n. 3 p. 752-764 set./dez. 2020a.

GROSS, Eduardo. Introdução. *In*: MELANCHTHON, Filipe. *Loci theologici: tópicos teológicos, de 1521;* [editado e traduzido por] Eduardo Gross. – Ed. crítica, bilíngue. São Leopoldo: Sinodal; EST, p. 9-28, 2018.

MELANCHTHON, Filipe [MELANCHTONE, Philippus]. Loci commvnes rervm theologicarvm sev hypotyposes theologicae. In: BRETSCHNEIDER, Carol. Gottl.; BINDSEIL, Henricus Ernestus (Ed.). *Corpus Reformatorum: Philippi Melanthonis opera quae supersunt omnia.* Brunsviga: Schwetschke, 1854. v. XXI, col. 60-229.

MELANCHTHON, Filipe. *Loci theologici: tópicos teológicos, de 1521;* [editado e traduzido por] Eduardo Gross. – Ed. crítica, bilíngue. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2018.

PALMER, Richard E. Palmer. *Hermenêutica* / Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa / Portugal: EDIÇÕES 70, LDA, 1969.

PETERSON, Charles William. *The Humanistic, Fideistic Philosophyof Philip Melanchthon (1497-1560).* Dissertation (Degreeof Doctor of Philosophy) – Faculty of the Graduate School, Marquette University, Wisconsin, 2012.

PREUS, Christian. Introduction. In: MELANCHTHON, Filipe [Philip]. *Commonplaces: Loci Communes 1521.* (PREUS, Christian, transl., introd. and notes). Saint Louis : Concordia, 2014.

SHEIBLE, Heinz. *Melanchthon: uma biografia* – São Leopoldo: Sinodal, 2013.

THOMPSON, Mark D. Sola Scriptura. In: BARRETT, Matthew; tradução Francisco Nunes. *Teologia da Reforma.* – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, p. 129-164, 2017.

ULRICH, Claudete Beise; KLUG, João. Felipe Melanchthon (1497-1560): pedagogo da Reforma protestante, patrimônio da educação. São Paulo: *Revista Brasileira de História das Religiões,* ANPUH, Ano VIII, n. 24, 2016.

Recebido em: 11/06/2021 | Aprovado em: 04/10/2021